

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelo Professor Carlos Henrique Magalhães de Lima, em 25 de março de 2021, para disponibilizar a obra, gratuitamente, para fins acadêmicos e não comerciais (leitura, impressão e/ou download) a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

RODRIGUES, Felipe Miranda; LIMA, Carlos Henrique de. Niemeyer e a escala gregária. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 6., 2021, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU/UnB, 2021. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENANPARQ/ViENANPARQ/paper/view/22215>.

“NIEMEYER E A ESCALA GREGÁRIA”

NIEMEYER IN THE EVERYDAY DIMENSION

NIEMEYER EN LA ESCALA COTIDIANA

EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA.

LIMA, Carlos Henrique de

Doutor em Urbanismo UFRJ; PPGFAU-UnB
carloshenrique@unb.br

RODRIGUES, Felipe Miranda

Arquiteto e Urbanista UniCEUB; PPGFAU-UnB
felipemiranda.rodrigues@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata da obra de Oscar Niemeyer na escala gregária de Brasília. É parte de uma pesquisa mais ampla dedicada a inventariar e analisar a arquitetura dos Setores Centrais da Cidade, sobretudo aquela realizada nas duas primeiras décadas após a inauguração da capital. Nosso propósito aqui é localizar as obras do arquiteto e elaborar uma análise a partir das seguintes categorias: a implantação do edifício em relação ao conjunto; as determinações normativas e sua influência no tipo e fisionomia do edifício; procedimentos projetuais envolvidos em sua realização. Espera-se que possamos endereçar uma discussão a respeito de particularidades na obra de Niemeyer além dos edifícios icônicos e representativos que figuram em muitas leituras e interpretações sobre sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Oscar Niemeyer, escala gregária, Brasília, arquitetura moderna.

ABSTRACT

This work is an analysis of Oscar Niemeyer's work on the gregarious scale of Brasília. It is part of a broader research dedicated to inventorying the architecture of the Central Sectors of the City, especially that carried out in the first two decades after the inauguration of the capital. Our purpose here is to locate the Niemeyer's works and prepare an analysis based on the following categories: the implantation of the building in relation to the set; normative determinations and their influence on the type and appearance of the building; design procedures involved in its realization. It is hoped that we will be able to address a discussion of particularities in Niemeyer's work in addition to the iconic and representative buildings that figure in many readings about his work.

KEYWORDS: Oscar Niemeyer, gregarious scale, Brasília, modern architecture.

RESUMEN

Este artículo es un análisis del trabajo de Oscar Niemeyer en la escala gregaria de Brasilia. Es parte de una investigación más amplia dedicada a inventariar la arquitectura de los Sectores Centrales de la Ciudad, especialmente la realizada en las primeras dos décadas después de la inauguración de la capital. Nuestro propósito aquí es ubicar las obras de Niemeyer y preparar un análisis basado en las siguientes categorías: la implantación del edificio en relación con el conjunto; determinaciones normativas y su influencia en el tipo y el aspecto del edificio; diseñar procedimientos involucrados en su realización. Se espera que podamos abordar una discusión de particularidades en el trabajo de Niemeyer además de los edificios icónicos y representativos

que figuran en muchas lecturas sobre su trabajo.

PALABRAS-CLAVE: Oscar Niemeyer, escala gregaria, Brasilia, arquitectura moderna.

INTRODUÇÃO

Passados sessenta anos da inauguração da capital, ainda predominam leituras panorâmicas a respeito da construção de Brasília. Procuramos com este trabalho ensaiar uma breve contribuição historiográfica e crítica potencialmente capaz de levantar nuances a respeito das realizações situadas, em especial, nas duas primeiras décadas após sua inauguração. Mais especificamente, procuramos focalizar os setores centrais da cidade, onde há exemplares notórios da geração que migrou para a cidade em busca de oportunidades profissionais. O trabalho de Oscar Niemeyer localizado fora dos limites representativos e simbólicos da cidade é significativo para que se compreenda não apenas parte de sua trajetória profissional, mas também as influências mútuas que guarda com demais realizações do período em questão.

Propomos aqui algumas considerações a respeito da obra de Niemeyer na escala cotidiana, quer dizer, nos setores centrais de Brasília, onde há serviços públicos, autarquias, comércio e instituições. Diferentemente do que se apresenta na dimensão simbólica-monumental, o trabalho de Niemeyer nestes contextos guarda proximidade com o período pioneiro de sua obra. Além disso, observa-se que as condicionantes do contexto não se mostram limitadoras para sua expressão plástica, onde prevalecem características distintivas consideráveis.

Este trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento dedicada a ampliar informações e aprofundar o entendimento a respeito de projetos e obras realizados em Brasília, com ênfase naqueles realizados durante as duas primeiras décadas de história da capital. Além disso, é nosso intuito tecer considerações buscando diálogo com pesquisas dedicadas a obra de Oscar Niemeyer, especialmente aquelas em que se destacam particularidades de suas obras que podem ser identificadas em fontes documentais primárias. Nesse sentido, trabalhos como de MACEDO e HIROKI se mostram relevantes. Espera-se que o debate possa contribuir para ampliar as questões relacionadas ao projeto arquitetônico na trajetória da cidade, algo caro para que se possa debater o ato projetual e de história urbana.

SETORES CENTRAIS DE BRASÍLIA, CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

No desenvolvimento de linguagens que permearam a produção arquitetônica no país entre as décadas de 1940 e 1960, é possível identificar ampla correlação de imagens e filiações. Em Brasília, houve assimilação de um repertório projetivo vastamente difundido dentre profissionais. A realização da cidade resulta da efetivação de propósitos configurados em seu plano urbanístico geral e que foram realizados por número expressivo de profissionais. A despeito disso, no entanto, nas décadas de 1960 e 1970, muitos estudos sobre a arquitetura brasileira valorizam a faceta episódica ou derradeira da arquitetura no país, efetuando uma série de exclusões — injustas em sua maioria — de projetos urbanos e exemplares edificados. O período posterior à inauguração da capital é marcado pela historiografia como um hiato seguido pela diversidade de tendências que vieram a ocorrer a partir de então, cada qual fechada dentro de argumentos próprios, estruturados sob determinadas relações de causa-efeito.

Sendo assim, a arquitetura realizada em Brasília carecia até pouco tempo de um conjunto mais bem estruturado de apontamentos potencialmente capazes de explicitar sua concretização. Deve-se considerar que a produção da geração pioneira de arquitetos que migraram para a cidade em busca de materialização profissional é de fundamental importância para que possamos entender a cidade. Afinal, uma cidade é mais que a soma de seus espaços representativos, e se realiza no conjunto de todas as suas escalas. Monografias a respeito das obras de Nauro Esteves (GARCIA, 2005), Marcílio Mendes Ferreira (KRAWCTSCHUK, 2011), Milton Ramos (LIMA, 2008) e Elvin Dubugras (RODRIGUES FILHO, 2014) contribuíram para ampliar as chaves de leitura sobre este período. O mesmo se pode dizer sobre a obra de arquitetas pioneiras em Brasília, e a contribuição do Centro de Planeamento da Universidade de Brasília na experimentação construtiva ao longo dos anos 1960.

Este artigo parte da consideração de que a geração de arquitetos que atuou em Brasília durante os anos 1960 e 1970 sobretudo, é herdeira de escolas, causas e manifestos, mas também autônoma, pois na nova capital o vínculo muito próximo entre projeto urbano e de edifício resultou em imposições até então nunca experimentadas em igual proporção e escala. Oscar Niemeyer (1961) escreve que, dentre os desafios que encontrou em Brasília, está o do edifício isolado no lote, o que implica em relativo grau de independência, mas também no cumprimento de determinações e normas que influenciam fortemente a fisionomia final do edifício. Desse modo, análises organizadas a partir de ideias e especulações bem assentadas no curso da modernidade podem assimilar novos e imprevisíveis sentidos. Uma dessas ideias generalizadas é a pouca relação do edifício moderno com suas adjacências em relação à implantação e escolha de materiais e ele-

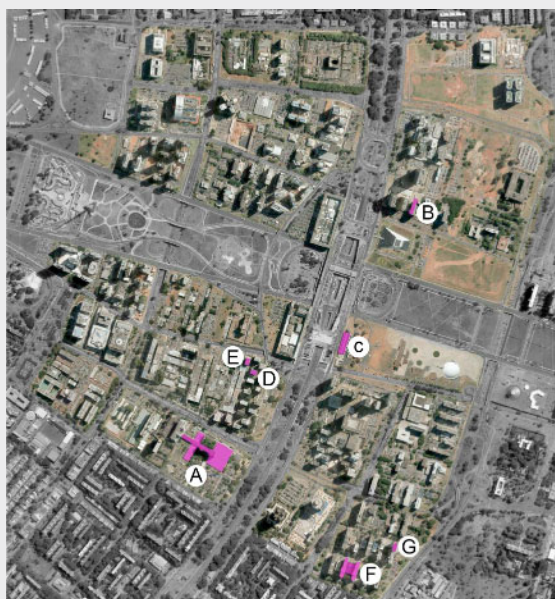
mentos compositivos. O que se vê em muitos de Brasília é a forte interdependência entre essas variáveis, o que coloca obstáculos ao livre jogo da imaginação intuitiva atribuída à arquitetura no Brasil destas décadas.

Nas áreas centrais do Plano Piloto de Brasília predomina a escala gregária (ou cotidiana), quer dizer, àquela relacionada ao ritmo das trocas, das atividades comerciais, da administração pública e de instituições. Nas Asas Sul e Norte, os setores Comercial, Bancário, de Autarquias, e de Rádio e TV apresentam projetos realizados ao longo de intervalo de tempo não desprezível, com uma disposição de edifícios, espaços livres e vias, organizados pelo mesmo princípio, embora apresentem particularidades. Como resultado, temos a conjugação entre tipos eminentemente modernos às características e acentos locais, no momento em que o cunho abstracionista era predominante no amplo panorama internacional. Na mútua relação entre preceitos e procedimentos, entre conteúdo teórico e resultado formal, reside fator determinante da arquitetura moderna produzida em Brasília, e, conseqüentemente, na obra de Oscar Niemeyer no período.

Para produzir esta breve interpretação, propomos algumas direções predominantes. Consideramos que há variedade nas bases gerativas — mais que esquematização apriorística — da produção de Oscar Niemeyer neste período. A análise de arquivos e publicações mostra que sua obra na escala monumental é acompanhado por um conjunto diversificado de obras, revelando vasto procedimento projetual por parte do arquiteto. Ainda: mostra que seu trabalho é resultado da preciosa contribuição de inúmeros colaboradores, dentre os quais destacamos os arquitetos Nauro Esteves, Milton Ramos, Carlos Magalhães e Fernando Andrade. Exercendo diferentes funções ao lado de Niemeyer, foram corresponsáveis por obras e projetos — além de terem cada qual seguido direções profissionais próprias. Só recentemente a obra desses profissionais passou a receber maior atenção crítica, contribuindo sobremaneira para o campo historiográfico.

Cabe ainda situar que no panorama crítico internacional estava focalizado nos exemplares excepcionais de arquitetura — terreno em que se sucedem embates consideráveis. Esforços recentes procuraram dar novas orientações a abordagens sobre a obra de Niemeyer, ampliando o escopo de edifícios analisados.

As obras aqui consideradas se localizam nas adjacências do eixo Monumental da Cidade. Foram realizadas num espaço de áreas a) O Hospital de Base do Distrito Federal (1960) — com colaboração de Milton Ramos; b) Palácio do Desenvolvimento (1960); c) Antiga sede do Touring Club do Brasil (1962); d) Edifício do DENASA (1972) e) Edifício Niemeyer (1973-1978); f) Edifícios da Telebrás (1973); g) Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (1998-2000).



Figuras 1: Localização das obras. Mapa elaborado pelos autores a partir do Google (2020)

Procuramos investigar aqui conceitos e evidenciar características e decisões projetuais que diferem essas obras das demais criações do arquiteto, analisando aspectos de espacialidade, implantação, comunicação dos edifícios com a cidade, além de outros aspectos formais como da geometria, suas proporções, o emprego de materiais de construção e linguagem arquitetônica.

EDIFÍCIOS DE OSCAR NIEMEYER NAS ÁREAS CENTRAIS

Na segunda metade do século XX, foram realizadas grandes transformações urbanas no Brasil como a abertura de vias. A construção da Avenida Presidente Vargas no Rio de Janeiro reconfigurou profundamente a paisagem e as formas de vida daqueles que viviam em uma adjacência. O projeto de cunho modernizador, é caracterizado pela ampliação do espaço de circulação de veículos, quanto pela criação de uma galeria ao nível térreo, protegendo o passeio público. Esta configuração é alcançada por meio de determinações urbanísticas e definições programáticas. É um caso expoente de regularização do tecido urbano por meio de ação urbanística.

No centro do Rio, Oscar Niemeyer projetou a Sede do antigo Banco Boa Vista (1946). Limitado pelas determinações do contexto, procura ampliar a relação entre o hall térreo

e a calçada por meio de um grande plano sinuoso em tijolos de vidro. O arquiteto busca manter o grau de fechamento demandado pelas funções no térreo ao mesmo tempo em que atenua a relação entre interior e exterior, manipulando com habilidade elementos plásticos e, sem destoar das edificações adjacentes, cria um edifício particularizado por estes atributos.



Figuras 2 e 3 Banco Boa Vista. Fonte: Biblioteca do IBGE (1968) / Leonardo Finotti

Isso nos serve de mote para pensar sobre o que James Holston (1989) identifica em Brasília por “tipologia da forma-função”, em que setores e forma edificada guardam estreita correspondência, em que a “correlação moderna entre forma e função está baseada de maneira mais intrínseca na equivalência do que na diferença”. Quer dizer, o que propomos observar aqui é como há o desenvolvimento de opções projetuais a partir de um arcabouço de projeto desenvolvido em um contexto moderno e adensado em torno das seguintes proposições: arranjo criterioso dos volumes e organização em tema base e tema destaque nas áreas abertas e de implantação isolada; clara composição geométrica nos planos de fachada de acordo com funções; arranjo estrutural definidor da fisionomia, seja marcando os planos externos seja deixando livre os planos limites de edificação.

A - Hospital Distrital, 1958-59 (Atual Hospital de Base) / combinação de torre e base

Nas primeiras décadas da cidades, diversos projetos foram desenvolvidos na dupla relação entre torre e base expandida. Dentre os quais destacamos o Hotel Nacional (figs. 4 e 5), de Nauro Esteves, arquiteto diretor da Divisão de Arquitetura ao lado de Niemeyer, e grande articulador de diversos projetos na cidade. Nauro dispôs um bloco horizontal e uma lâmina em altura, no primeiro deveriam funcionar originalmente serviços auxi-

liares, mas posteriormente foram implantadas galerias comerciais especializadas em turismo; no prédio em altura, os quartos. Duas de suas empenas são cegas — zelando a disposição de não serem feitas aberturas perpendiculares ao eixo — outras duas predominantes revestidas por caixilhos e vidros incolores.



Figuras 4 e 5: Hotel Nacional. Fonte: Foto Postal Colombo Reproduções (1961) / Fotografia elaborada pelos autores (2020)

Em contexto semelhante, porém com função distinta, Niemeyer projeta o Hospital de Base do Distrito Federal (fig. 6), um dos primeiros edifícios projetados e construídos no Plano Piloto. Nesse momento, a cidade se configurava como canteiro ininterrupto, com dificuldades decorrentes do prazo exíguo e das necessidade de deixar as funções prontas para a inauguração da cidade. Era necessário que as técnicas de construção atendessem ao grande volume de obras. A independência da estrutura organizada numa lógica seriada era de fundamental importância para os órgãos administrativos e também para o Hospital da cidade — equipamento fundamental para a vida na cidade. O edifício, implantado no Setor Médico Hospitalar Sul, se caracteriza por uma torre elevada sobre pilotis e base expandida. Nos pisos inferiores encontram-se setores de atendimento médico e emergencial, e setores administrativos, ao passo que nos pavimentos da torre, estão distribuídos apartamentos para pacientes e médicos residentes, além de enfermarias.



Figura 6: Hospital de Base. Fonte: Fundação Oscar Niemeyer (1959). Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

B - Palácio do Desenvolvimento

O Edifício Palácio do Desenvolvimento iniciou suas obras logo após a inauguração da cidade, tendo sido o primeiro edifício em altura a ser erguido no Setor Bancário Norte. Inicialmente foi pensado para abrigar a Sede da Siderúrgica Nacional. Hoje, é ocupado por alguns órgãos públicos federais, como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a Advocacia Geral da União (AGU), a Superintendência Federal da Agricultura (SFA-DF) e algumas unidades do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Está integrado ao conjunto de edifícios daquele setor, onde é possível verificar existência de linguagens arquitetônicas distintas e diversificadas. Tal diversificação cria contraste entre os edifícios e nos possibilita reconhecer ou sugerir o período no qual eles foram concebidos. Basta analisar os conceitos espaciais de cada proposta, as técnicas construtivas, tecnológicas e até mesmo o emprego dos materiais de construção.



Figura 7: Palácio do Desenvolvimento. Fonte: Fotografia elaborada pelos autores (2020).

Embora exista o referido contraste, os edifícios se parecem no que diz respeito às suas proporções — caráter garantido pelos parâmetros urbanísticos estabelecidos para aquela fração da cidade. Observando o Edifício Palácio do Desenvolvimento no seu contexto urbano, nota-se profunda conexão deste com seus dois vizinhos (Ed. Roberto Simonses — sede da Confederação Nacional da Indústria; e o Edifício Sede da Confederação Nacional do Comércio - CNC). É possível identificar estratégias e soluções aproximadas entre o Ed. Palácio do Desenvolvimento (Oscar Niemeyer, 1960) e o Edifício da CNI (Paulo Mendes da Rocha e Pedro Paulo de Melo Saraiva, 1963). Em ambos, as ideias de racionalização, permeabilidade e térreo livre parecem ser preservadas. Em contraposição, o Edifício CNC (Paulo Casé, 1997) parece romper com as lógicas de articulação de seus vizinhos criando contraste no conjunto — tanto à espacialidade quanto ao emprego dos materiais de construção.

No edifício Palácio do Desenvolvimento é notada, em sua concepção, a adoção de estratégias de projeto como a modulação rigorosa do seu sistema estrutural. Uma malha de 1,70 x 1,75m, norteia a disposição dos seus espaços e a distribuição de elementos construtivos. A base do edifício é marcada por uma sucessão de vigas transversais em concreto armado, espaçadas a cada 1,75m. As peças são unidas por um par de vigas-caixas, dispostas no sentido longitudinal do bloco. Essas vigas são apoiadas em 4 pilares robustos, também em concreto armado, espaçados de maneira a garantir 8m de balanço em cada ponta do edifício. Esse conjunto reforça a importância de seus elementos de sustentação na relação do edifício com o nível da rua.

A torre de escritórios contempla 18 pavimentos com plantas retangulares medindo 70 x 16m. Para esse bloco, foi utilizado sistema misto de estrutura, adotando pequenos

pilares metálicos que, além de garantir sustentação ao seu conjunto de lajes, também servem de suporte às esquadrias externas da edificação. A fisionomia do edifício é marcada pelo ritmo que esses elementos construtivos garantem às suas fachadas, transparecendo um sistema construtivo lógico e simples. As empenas laterais da torre são cegas e revestidas com pequenas placas de mármore branco. Sua construção foi marcada por sucessivas paralisações e a obra só foi inaugurada 13 anos após início da sua construção. Posteriormente, passou a integrar ao seu volume duas caixas de escadas enclausuradas, desenhadas por Niemeyer e desenvolvidas pelo arquiteto Martiniano Ribeiro (1976-1980). Na ocasião, o edifício foi o primeiro de Brasília a se adaptar às novas legislações de incêndio e saídas de emergência.

C - Antiga Sede do Touring Club do Brasil (1962-63)

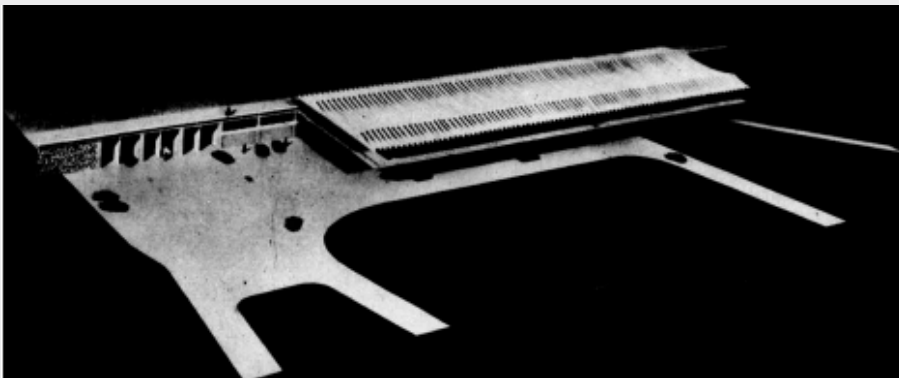
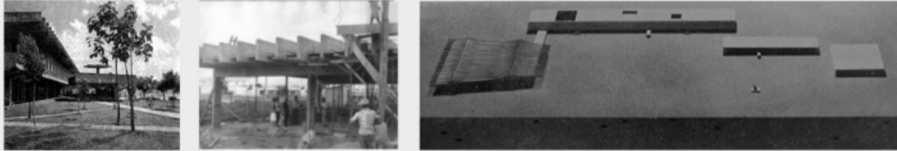


Figura 8: Maquete Touring Club do Brasil. Fonte: Revista Módulo nº30, p.32 (1963).

Ao contrário dos demais edifícios situados na escala gregária, o antigo Touring Club é um pequeno pavilhão acoplado à Plataforma da Rodoviária (Lucio Costa, 1957-58/1960). É um elemento que realiza a conexão entre escalas, uma estrutura que abre perspectivas para a Esplanada dos Ministérios. São dois pavimentos e uma sobreloja ligados por escadas. Uma passarela faz a passagem sob a via leste do eixo rodoviário. O plano de cobertura tem o perfil assemelhado ao desenho do diagrama de esforços atuantes nas vigas que o conformam (Niemeyer, 1962). Os planos avarandados circundam todo o perímetro, o que confere nova dimensão e sentido para este elemento explorado de variadas formas no desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil. A edificação foi vendida em 2005 num leilão federal. Sofreu algumas descaracterizações devido aos diversos usos para os quais foi adaptado, e hoje funciona como terminal rodoviário para linhas intermunicipais de ônibus.

A independência do plano de cobertura já foi explorado por Niemeyer em projetos com outros programas, tais como Iate Clube de Brasília (1960); Praça Maior da Universidade de Brasília (1960); e a Casa da Cultura Francesa - Aliança Francesa (1963). No caso do Touring, funcionam como forma de manter a permeabilidade e horizontalidade do conjunto, de forma a não oferecer barreiras em uma solução maciça e robusta. Com isso, o edifício se apresenta mais leve que seu simétrico oposto, o Teatro Nacional (Oscar Niemeyer, 1958; com colaboração de Milton Ramos e Carlos Magalhães), conferido dois pesos diferentes para as instituições nas porções adjacentes ao Eixo Monumental de Brasília.



Figs 9, 10 e 11: Fonte: Fundação Oscar Niemeyer / Aliança Francesa / Revista Módulo, nº28, p.7, 1962

D - Edifício do DENASA

Em 1972, Oscar Niemeyer recebeu uma encomenda feita mais uma vez por seu amigo Juscelino Kubitschek. Naquela circunstância, o ex-presidente JK - que após voltar de seu exílio na Europa e Estados Unidos (1964 — 1967), formou um Banco de Investimentos, DENASA - Desenvolvimento Nacional Sociedade Anônima, do qual JK foi integrante até 1975.

O Edifício DENASA, situado no Setor Comercial Sul, teve como eixo norteador as condicionantes do sector relativas à implantação e gabarito. Niemeyer cita em seu memorial descritivo que: “o regulamento para essa região da cidade não permite muita inovação, uma vez que são fixadas as dimensões de altura de gabarito; recuos laterais no pavimento térreo; além de obrigar a criação de uma galeria de acesso em uma das extremidades do bloco, com dimensão de pé-direito amarrada em 6,50m”.



Figuras 12: Edifício DENASA e Edifício Oscar Niemeyer. Fotografia elaboradas pelos autores (2020)

Como forma de garantir as dimensões estabelecidas pela legislação, o arquiteto se apropriou desses parâmetros e definiu cinco eixos estruturais para sustentar o bloco. A planta retangular foi dividida em quatro frações e resultou na criação de pórticos arqueados no pavimento térreo, que caracterizam a base do edifício. Uma dessas quatro frações preserva a passagem pública obrigatória exigida pela lei, fortalecendo o acesso principal. Era desejo do arquiteto criar aspecto diferenciado para o térreo. Ao passar pela galeria, nota-se a presença da obra de artista Athos Bulcão em 1975, escultura alvenaria e chapas de aço pintadas em vermelho. A base do edifício, representada pelo conjunto de pórticos, permite sensação de que o bloco está solto do chão. O corpo do edifício é delimitado por seus 14 pavimentos destinados à escritórios. O coroamento — um terraço coberto — foi originalmente pensado para abrigar atividades de reuniões, recepções, palestras, bar e auditório. Esses pavimentos seguem a mesma lógica estrutural da base, sem criar transições nem gerar grandes esforços para a estrutura.

O corpo do edifício pode ser identificado externamente através de seus elementos construtivos, materiais de acabamento e componentes de fechamento, tais como: empenas, panos de vidro e brise-soleil. A fachada sul é livre de qualquer elemento e seu fechamento permite maior iluminação. Na fachada oposta — a mais insolada — a entrada da luz é controlada por um sistema de brise-soleils em concreto. Tanto os elementos que compõe o brise quanto os componentes das esquadrias de vidro têm sua modulação coordenada pelos vãos da estrutura principal do edifício. As empenas laterais são apoiadas diretamente no chão. O revestimento em placas de mármore restringe-se apenas aos limites do corpo do edifício e ainda, dentro desse limite, a superfície lateral é marcada por uma abertura vertical, que sinaliza o acesso da luz aos corredores dos pavimentos

tipo. Essa estratégia reforça ainda mais sua composição “tripartida”, em que a obra é dividida em base, corpo e coroamento. As diferentes funções abrigadas em seu interior podem ser facilmente decifradas por intermédio desses três elementos arquitetônicos.

A disposição dos ambientes em planta baixa visa garantir maiores áreas livres de obstáculos. Em todos os pavimentos, os espaços destinados para serviços, circulações verticais e banheiros estão concentrados em um único núcleo. Nota-se que esse bloco de serviços está disposto quase junto aos limites norte do edifício, pois Niemeyer desejava que o hall principal se abrisse para a parcela sul. Trata-se, talvez, de preservar maior espaço de destinação para escritórios nessa parcela ou simplesmente com interesse de utilizar a fachada protegida por brises para esconder o bloco de serviços. O DENASA se apresenta como um edifício de forma contida e racional. Entende-se que os esforços projetuais de Niemeyer para esse trabalho se resumiram a garantir soluções simples de circulação interna, deixando seu potencial criativo restrito à questões de cunho menos formais.

E - Edifício Oscar Niemeyer

As estratégias adotadas por Oscar Niemeyer para realização do projeto do edifício que carrega seu nome (Ed. Niemeyer, 1974-1978), se assemelha com aquelas utilizadas pelo arquiteto anos antes no edifício DENASA (1972). Há grande conformidade entre as duas propostas, que estão situadas na mesma via que corta o Setor Comercial Sul; e que visa atender ao mesmo programa de edifício de serviços, regulados por normas semelhantes. Nestes edifícios, Niemeyer se debruça sobre os mesmos princípios de organização programática. Ambos são compostos por base, corpo e coroamento, resultando em uma composição em três seções. As plantas de ambos são retangulares — no caso do edifício Niemeyer, o bloco é mais largo e profundo, medindo 17 x 30m. Ambos tem o mesmo número de pavimentos divididos em subsolo, térreo, sobreloja, (14) pavimentos tipo e terraço coberto. Nas duas propostas, elementos utilizados na base são repetidos também no coroamento. Os fechamentos externos do corpo do edifício recebem tratamento diferenciado da base e da coroa, utilizando-se para as fachadas longitudinais panos de vidro e brises, e para as empenas laterais revestimento em mármore branco.



Figuras 13 e 14: Edifício Oscar Niemeyer. Fotografia elaborada pelos autores (2020)

Devido à orientação, os edifícios apresentam diferentes desenhos de brises. No edifício Niemeyer foram adotados grandes painéis fixos e verticais em concreto para proteger sua fachada oeste, essa solução acentuou a verticalidade do edifício. As aberturas dos painéis se inclinam para norte, deixando entrar uma intensidade controlada de luz direta do sol durante todo o dia. A fachada leste possui panos de vidros livres de qualquer obstáculo, sustentados por caixilhos verticais de alumínio e borrachas de neoprene para vedação das juntas horizontais. As empenas laterais são totalmente cegas. Nessa proposta, Niemeyer muda a posição do núcleo de serviços, que aparece apenas ao bloco na empena sul. Para Niemeyer, a solução de fixar acessos e sanitários em um dos extremos do bloco, libera área útil para os andares, podendo estes serem divididos (com painéis removíveis) sem solução de continuidade, preservando o conceito da flexibilidade muitas vezes utilizado pelo arquiteto.

F - Sede da Telebrás

No início da década de 70, Oscar Niemeyer projetou um conjunto de três edificações para a Telebrás — companhia estatal responsável pelo controle das prestadoras de serviço de telefonia. As edificações estão dispostas lado a lado. O bloco central, mais baixo e com formato de pirâmide truncada, faz a comunicação entre os três volumes por intermédio de uma galeria subterrânea, ao nível das garagens. Há também a ligação através da passarela suspensa, em formato de tubo e construída em concreto armado, que conecta o conjunto no nível do 1º pavimento. Esse bloco central abriga hoje, além das garagens nos seus dois subsolos, o Centro de Processamento de Dados. O pequeno volume em concreto armado, de apenas 2 pavimentos, é marcado por seteiras de vidro

em suas faces e foi originalmente pensado pelo arquiteto para servir de museu — embora tenha sofrido modificações posteriores uso e fisionomia, a exemplo do acréscimo da volumosa estrutura em aço que sustenta o mastro da bandeira.



Figura 15: Edifícios Telebrás. Fotografia elaborada pelos autores (2020)

Para os blocos em altura — Ed. Ministro Sérgio Motta e Ed. Deputado Luís Eduardo Magalhães, Niemeyer procura fixar elementos básicos para nortear seu desenho, como modulação da estrutura e distribuição dos acessos verticais e horizontais dos pavimentos, levando em consideração o programa proposto com salas de tamanhos variados. Mais uma vez, o arquiteto adota soluções que libera a área útil para os andares, podendo estes serem divididos com painéis removíveis. O módulo estabelecido foi de 1,25m, e intercolúnio de 8,75m no sentido longitudinal e 15m no sentido transversal. Nota-se a presença de duas escadas de emergência nas duas pontas dos bloco — estas sugerias pela legislação. Estão distribuídos no corpo do edifício 10 pavimentos com principal uso de salas de escritórios, mas também há uma biblioteca localizada nos dois primeiros pisos; pavimento da Direção, servido de grande hall, auditório e gabinetes da presidência. O último andar dos blocos é destinado ao restaurante com jardim externo de acesso ao heliporto existente na cobertura. Esse pavimento recebe tratamento diferenciado na fachada, marcado pela faixa em concreto e volumes saltados (óculo) que destacam suas aberturas circulares. A face leste dos edifícios são envidraçadas e a face oeste conta com brises verticais móveis e de cor amarela.

O conjunto de edifício é expressivo e de fácil identificação para que passa pelas vias que delimita o setor. A fisionomia dos blocos em altura lembram o edifício do Anexo IV da Câmara dos Deputados (1977) e os Edifícios dos Ministros do STJ (1993).

G - Edifício da OAB – Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (1998-2000)

Em 1998 Niemeyer realiza um projeto para a Ordem dos Advogados do Brasil. Nesse caso, as restrições tipológicas contribuíram para a realização de um edifício com poucos recursos e em que os elementos são agenciados com precisão. Trata-se de torre disposta na projeção final de uma sequencia regular de blocos, localizada à via L2 Sul. Um volume puro apoiado sobre quatro pilares de seção hexagonal. As vedações ao nível térreo se limitam aos planos de vidro da torre de circulação, conferindo leveza e permeabilidade ao rés-do-chão. A fachada pode ser dividida em três sessões. O plano opaco na porção inferior é configurado por duas vigas de transição, o que permite criar um vão livre de colunas para o auditório. O plano envidraçado da fachada leste permite luminosidade para os espaços de trabalho e ocupam toda a extensão longitudinal do bloco. No coroamento é marcado pelo rebatimento do plano inferior que protege a cobertura. Uma janela horizontal percorre toda a extensão do edifício. As empenas laterais são formadas por placas pré-moldadas, sem aberturas. Na porção posterior, faceando a torre vizinha, há um volume destacado para a circulação vertical.



Figuras 16: Edifício OAB. Fonte: photobucket.com

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MODERNIDADE EM BRASÍLIA, CAMPO EM INVESTIGAÇÃO.

Como vimos, a obra de Niemeyer em Brasília apresenta variações que ajudam a aprofundar aspectos que permearam a produção arquitetônica neste período. A nova capital foi campo profícuo de experimentações técnicas e formais, aglutinando experiências muito variadas por parte de arquitetos, engenheiros e demais profissionais. Brasília reúne acontecimentos históricos, políticos, artísticos e sociais notáveis, desafiando esquemas consolidados de leitura. A diversidade de proposições das duas primeiras décadas da capital revela que leituras historiográficas estão sempre as mais variadas e aleatórias combinações de influências, o que nos coloca o desafio de procurar levantar e estudar obras para além dos setores monumentais e simbólicos da cidade — algo que

já está em curso há pelo menos duas décadas e é fundamental para a história crítica e para produção arquitetônica da cidade.

REFERÊNCIAS

FICHER, S. BATISTA, G. *Guiarquitetura de Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.

GARCIA, C. **Construindo Brasília: a trajetória profissional de Nauro Esteves**. (dissertação de mestrado) – Universidade de Brasília - FAU. Brasília, 2005.

HOLSTON, J. **The Modernist City: An Antropological Critique of Brasília**. Chicsgo: University of Chicago, 1989.

HIROKI, Juliana Eiko. **Uma revisão metodológica do processo de projeto de Oscar Niemeyer: o papel da modelagem tridimensional a partir da interação do arquiteto com seu colaborador maquetista Gilberto Antunes** (dissertação de mestrado). São Paulo: FAUUSP, 2018

MACEDO, Danilo Matoso. **Da matéria à invenção**. As obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais, 1938-1955. Brasília: Câmara dos Deputados, 2008.

NIEMEYER, Oscar. Sede do Touring Club do Brasil, em Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v.7, n.30, p.32-4, out. 1962.

_____. Edifício Denasa. Paris, 03/07/1972. **Fundação Oscar Niemeyer**. Disponível em: <http://www.oscarniemeyer.com.br/obra/pro217>, acesso em 30/04/2020.

_____. Edifício ON. Paris. 8.1.973. **Fundação Oscar Niemeyer**. Coleção Oscar Niemeyer. Disponível em: <http://niemeyer.org.br/obra/pro218>, acesso em 30/04/2020

LIMA, C.H. **Modernidades capitais: a obra de Milton Ramos**. (dissertação de mestrado) – Universidade de Brasília - FAU. Brasília, 2008.

KRAWCTSCHUK, S. **Lógica e Poesia: a obra de Marcílio Mendes Ferreira**. (dissertação de mestrado) – Universidade de Brasília - FAU. Brasília, 2011.

PEREIRA, M. **Arquitetura Texto e Contexto - o Discurso de Oscar Niemeyer**. Brasília: EdUnB, 1997

RODRIGUES FILHO, A. Elvin Dubugras - Uma biografia, uma visão. (tese de doutorado) – Universidade de Brasília - FAU. Brasília, 2014.

SCHLEE, A.; FICHER, S. **Guia de obras de Oscar Niemeyer**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.